

ESCORPIÃO E FÉLIX

uma novela humorística

Karl Marx

Tradução de Wilson Madeira Filho



Karl Marx aos 17 anos de idade. Fonte: www.marxists.org

Resumo:

Aos 18 anos de idade, Karl Marx era um estudante de Direito às voltas com conflitos morais, religiosos e sentimentais, os quais busca exorcizar através da literatura, escrevendo uma série de poemas, dramas e histórias curtas. No conto “Escorpião e Félix”, classificado por ele mesmo em carta a seu pai, como obra de um “humorismo forçado” o jovem autor dá vazão a todo uma crítica estilística que, de certa maneira, segue os traços de um Lawrence Sterne no **Tristham Shandy**, e antecipa a ironia de um James Joyce no **Ulissys** ou mesmo de um Machado de Assis no **Brás Cubas**. No texto, o leitor é absorvido por uma narrativa que soa fragmentária, como se composta por momentos dispersos de um romance, cuja própria lógica é permanentemente questionada

Nota: a presente tradução foi cotejada com as versões em inglês (**Scorpion and Felix** in: www.marxists.org) e e em espanhol (**Escorpión y Félix**, Traducción de Carlos Manzano, Barcelona: Tusques Editor, 1971). A pontuação, no original, é muito livre e mesmo aleatória. Em alguns casos, que poderiam restar confusos, optou-se por pontuar a mais.

Abstract:

About his 18 years age, Karl Marx was a student of Law who turns with moral, religious and sentimental conflicts, which search to exorcise through the literature, writing a series of poems, dramas and short histories. In the story “Scorpion and Félix”, classified by him even in letter to his father, as work of a “forced humorism” the youth author gives flow to an entire stylistic critic that, in a certain way, it follows the lines of a Lawrence Sterne in **Tristham Shandy**, and it advances the irony of a James Joyce in **Ulissys** or even of a Machado of Assis in **Brás Cubas**. In the text, the reader is absorbed by a narrative that sounds fragmentary, like it was composed by dispersed moments of a romance, whose own logic is questioned permanently

Note: to present translation it was compared with the versions in English (**Scorpion and Felix** in: www.marxists.org) and and in Spanish (**Escorpión y Félix**, Traducción de Carlos Manzano, Barcelona: Tusques Editor, 1971). The punctuation, in the original, is very free and same random. In some cases, that could remain confused, we opted to punctuate more.

deve aspirar conhecer mas não desejar tocar.

Capítulo 12

“Um cavalo, um cavalo, meu reino por um cavalo”, disse Ricardo III.

“Um homem, um homem, eu mesma por um homem”, disse Gretha.

Livro Primeiro

Capítulo 10

Como prometemos no capítulo anterior, segue a prova de que a dita soma de 25 *talers* é propriedade particular de Deus amado.

O dinheiro não tem dono! Pensamento sublime, nenhum poder mortal os possui, mas sim o poder divino, que volteia por cima das nuvens e abraça o Todo, incluindo, portanto, os citados 25 *talers*; com suas asas – tecidas com o dia e a noite, com sol e estrelas, com montanhas altíssimas e areias infinitas – que ressoam como órgãos, como o som das águas da cachoeira, tocando onde nenhuma mão mortal pode alcançar, incluindo, então, os supracitados 25 *talers* e... mas não posso dizer mais nada, o mais profundo do meu íntimo está agitado, eu contemplo o Todo e dentro de mim e também os citados 25 *talers*, cuja matéria de reflexão está nessa três palavras: sua posição infinita, e que soam como acordes angelicais, recordam o Juízo Final e o Fisco, que... era Gretha, a cozinheira, a quem Escorpião, excitado pelos relatos de seu amigo Félix, arrastado por sua brilhante melodia, vencido por sua forte emoção juvenil, estreitou contra o seu coração, adivinhando nela uma fada.

Disso deduzo que as fadas têm barba, uma vez que Madalena Gretha, não a Madalena arrependida, ostentava, como um guerreiro vaidoso de seu valor, barbas e bigodes, e os cachos, nas bochechas macias, acariciavam o queixo finamente modelado que, na forma de uma rocha emergente em um mar vasto, que os homens avistam desde longe, sobressaía daquela face plana como um prato de sopa, gigantesca e orgulhosamente consciente de sua imponência, partindo o ar, comovendo aos deuses e impressionando aos homens.

A deusa da fantasia parecia ter sonhado com uma beleza barbuda e ter se perdido nos campos encantados de seu amplo rosto e, quando despertou, era a própria Gretha quem havia sonhado, um sonho terrível: que ela era a um tempo a grande cortesã da Babilônia, o apocalipse de São João e a ira de Deus, que havia feito um campo de restolhos espinhentos sobre a pele finamente enrugada, para que sua beleza não induzisse ao pecado e sua juventude quedasse protegida como a rosa pelos espinhos, que o mundo

Capítulo 16

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne, e viveu junto a nós, e nós vimos sua glória”.

Belo e inocente pensamento! Mas a associação de idéias levou Gretha muito longe; ao pensamento de que o Verbo habitava nas coxas, assim como Tersite, em Shakespeare, declara que Ajax tinha as vísceras na cabeça e a razão no ventre, se viu convencida - Gretha, não Ajax - e plena de compreensão; assim como o Verbo havia se feito carne, ela viu nas coxas sua expressão simbólica, ela viu a glória delas e decidiu... lavá-las.

Capítulo 19

Mas ela tinha grandes olhos azuis e os olhos azuis são banais como a água que corre.

Uma tola nostalgia, inocente, emana deles, uma inocência que sente por si mesma, uma inocência aquosa; quando se lhe acerca, o fogo se transforma em vapor cinzento, e nada mais resta por trás desses olhos, todo o seu mundo é azul, sua alma é uma bolsa azul. Ao contrário, os olhos negros são um reino ideal, um mundo noturno, infinito, mundo estimulante de sonhos profundos, deles brotam relâmpagos da alma e suas visões são música como as canções de Mignon, uma terra distante, doce terra de brilho, onde habita um deus rico, que vive em sua própria profundidade e, absorvido no universo de sua existência, emana eternidade e sofre a eternidade. Nos sentimos como presos por um feitiço, desejando apertar contra o nosso peito o ser melodioso, profundo e pleno de alma e sugar o espírito de seus olhos, e transformar seus olhares em canções.

Amamos o mundo agitado e rico que se abre diante de nós, em seu fundo vemos gigantescos pensamentos solares, intuímos um sofrimento demoníaco, e, ante nós, figuras que se movem delicadamente marcam os passos ondulantes de uma dança que nos envolve e, como as Graças, se retiram tímidas assim que são reconhecidas.

Capítulo 21

Meditações filológicas

Félix se livrou do abraço do amigo suavemente, porque ele não suspeitava a natureza profunda e emocional que viria, e, naquele momento, estava preocupado com a continuação de sua... digestão, sobre a qual nós diremos aqui a última palavra, que sirva como lápide de seu grande trabalho, uma vez que este está estorvando nosso enredo.

Merten também assim pensava, e com um forte barulho, que Félix sentiu, recebendo uma bofetada daquela grande mão histórica.

O nome *Merten* recorda o de Charles Martel, e Félix acreditou realmente que havia sido acariciado por um martelo, uma vez que uma agradável sensação como aquela ia unida ao choque elétrico que recebeu.

Abriu os olhos largos, cambaleou e pensou em seus pecados e no Juízo Final.

Eu, pelo contrário, pensava sobre a questão elétrica, sobre o galvanismo, sobre as duntas cartas de Franklin a sua amiga geométrica e sobre *Merten*, já que minha curiosidade está voltada por inteiro a descobrir o que pode esconder-se por trás desse nome.

Que o homem descende por linha direta de *Martel* não se pode duvidar em absoluto: me foi assegurado pelo sacristão, ainda que aquele período de tempo careça completamente de harmonia.

O *l* se transformou em *n e*, já que Martel é um inglês, como todo conhecedor de história sabe, e em inglês o *a* soa como *eh* em alemão, que em Merten coincide com *e*, provavelmente Merten será outra forma de Martel.

Disso se pode concluir, dado que entre os antigos teutônicos o nome expressa o caráter de seu proprietário – e o mesmo se deduz de muitos sobrenomes, como, por exemplo, Krug, o Cavaleiro (*Knight*); Raupach, o Conselheiro da Corte (*Hofrat*); Hegel, o Anão (*Dwarf*) –, pode se concluir que Merten é um homem rico e respeitável, ainda que seu ofício seja o de alfaiate, e nesta história ele é o pai de Escorpião.

Isso autoriza uma hipótese nova: em parte porque ele é um alfaiate, em parte porque o nome do filho dele é Escorpião, é altamente provável que ele seja descendente de Marte, o deus da guerra, genitivo *Martis*, acusativo na forma grega *Martin*, *Mertin*, *Merten*, pois a arte do deus da guerra, assim como a do alfaiate, consiste em cortar, dado que corta braços e pernas e corta a felicidade do mundo em pedaços.

Além do mais, o escorpião é um animal venenoso, que mata num relance, cujas feridas são fatais e cujos olhos relampejam com miradas mortais, uma bela alegoria para a guerra, cuja olhar é letal, cujas conseqüências deixam nos feridos cicatrizes que sangram internamente e que nunca se fecham.

Como, porém, Merten não possuía natureza pagã, sendo, pelo contrário, um cristão praticante, parece mais provável que descenda de São *Martin*. Uma pequena troca de vogais daria *Mirtan*; muitas vezes o *i*, na fala das pessoas comuns, soa como *e*, de forma que, com o passar do tempo, se transforma facilmente num *e*, especialmente em uma cultura em desenvolvimento, de forma que o nome *Merten* evolui espontânea e naturalmente e significa “um alfaiate cristão”.

Embora esta derivação seja bastante provável, pois está bem fundamentada, não podemos, não obstante, nos abster de mencionar outro fato, que debilita muito nossa fé em São Martin, a quem só podemos considerar como um padroeiro, pois, até onde sabemos ele nunca esteve casado, não podendo, então, ter tido nenhum descendente masculino.

Esta dúvida parece ser reforçada pelo seguinte fato: toda a família Merten tinha em comum com o Vigário de Wakefield a propriedade de casar-se o mais cedo possível, ou seja, de geração em geração, com muito tenra idade se adornavam com grinaldas de *murta*, e apenas desta forma se explica, salvo se atribua a um milagre, o nascimento de Merten e o aparecimento dele nesta história como o pai de Escorpião.

Myrthen, claro, deveria perder o *h*, já que, ao celebrar-se um matrimônio, se ressalta o *eh*, vale dizer, desaparece o *he*, de forma que *Myrthen* se torna *Myrten*.

O *y* é uma *v* grega e não uma letra alemã. E posto que, como dissemos antes, a família de Merten era de uma estirpe integralmente alemã e, ao mesmo tempo, uma família de alfaiates muito cristã, o *y* estrangeiro, pagão, teve que se converter em um *i* alemão; e já que o matrimônio é o elemento predominante dessa mesma família, enquanto o *i* é uma vogal estridente e dura os casamentos da família Merten, em contraste, foram doces e suaves, transformando-a em um *eh*, *e*, mais tarde, para que a audaz inovação não chamasse demasiado a atenção, em uma *e*, em cuja brevidade vai representada, ao mesmo tempo, a decisão solene de contrair matrimônio, de forma que no *Merten* alemão, aberto a diversas interpretações, *Myrthen* atinge o ápice da perfeição.¹

Conforme esta dedução é possível relacionar o cristão São *Martin* alfaiate, o valor a toda prova do *Martelo* e a rápida decisão do deus da guerra *Marte* com a abundância de matrimônios – o que ainda resta demonstrado nos dois *e* de *Merten* – de sorte que, nessa hipótese, se reúnem e, ao mesmo tempo, se invalidam, todas as precedentes.

Uma opinião diferente foi adiantada pelo escoliasta que glosou, com grande diligência e cuidado incansável, ao antigo historiador, de cujos dados se vale nossa história.

Ainda que não possamos estar de acordo

com sua opinião, não obstante essa mereça um juízo crítico, esta nasceu de um homem que soube unir uma enorme sabedoria a uma grande habilidade para fumar, de forma que seus pergaminhos estavam envoltos com o sagrado fumo do tabaco, equivalendo, portanto, a um êxtase pítico de incenso repleto de oráculos.

Ele acredita que *Merten* deriva do alemão *Mehren* [multiplicar], que, por sua vez, deriva de *Meer* [mar], porque os matrimônios dos *Merten* multiplicaram como a areia na proximidade do mar, e porque, definitivamente, no conceito de alfaiate vai oculto o conceito de um *Mehrer* [multiplicador], já que transforma macacos em homens. Em investigações cuidadas e profundas como essas ele baseou suas hipóteses.

Quando li os resultados dessas investigações, senti tal estupor que me deu vertigem, o oráculo do tabaco me fascinou, mas logo a razão fria e discernidora me despertou e contrapôs os seguintes argumentos.

Eu concedo ao escoliasta supracitado que o conceito de *alfaiate* possa incluir o de um *multiplicador*, mas o conceito de *multiplicador* não deve, em hipótese alguma, incluir o conceito de *diminuidor*, porque isto implicaria em uma *contradictio in terminis*, que nós podemos explicar para as mulheres comparando Deus com o Diabo, conversas de salão com inteligência e as próprias mulheres com filósofos. Porém, se *Mehren* houvesse derivado em *Merten* evidentemente a palavra teria perdido um *h*, logo não haveria aumentado, o que, conforme já demonstrado, é algo que contraria substancialmente sua natureza formal.

Assim, pois, de nenhuma maneira *Merten* pode ser derivado de *Mehren*; e sua derivação de *Meer* [mar] é contestada pelo fato de que a família *Merten* nunca entrou na água, nem eles alguma vez oscilaram, antes foram uma família piedosa de alfaiates, o que contrasta com o conceito de um mar selvagem e tempestuoso; destas razões se torna manifesto que o autor supracitado, apesar de sua infalibilidade, se equivocou e que nossa dedução é a única correta.

Depois desta vitória estou demasiado cansado para continuar e gostaria de desfrutar a alegria de estar satisfeito de mim, alegria que por um só momento – como afirmou Winkelmann – vale mais que todos os elogios da posteridade, e sobre estes eu sou tão convencido quanto o era Plínio, o Jovem.

Capítulo 22

“*Quocumque adspicias, nihil est nisi pontus*

et aer,

Fluctibus hic tumidis, nubibus ille minax.

Inter utrumque fremunt immani turbine venti:

Nescit, cui domino pareat, unda maris.

Rector in incerto est: nec quid fugiatve petatve

Invenit: ambiguis ars stupet ipsa malis.”

“Para onde quer que olhes, não verás nada senão Escorpião e Merten,

Aquele coberto de lágrimas, este ofuscado pela ira. Selvagem é a tempestade de palavras que range entre eles incessantemente.

Nem se sabe qual dos dois deve obedecer às ondas do mar.

Eu, o piloto, não tenho opção entre o escrever e o silenciar;

Diante do escândalo, a arte se refugia nos cantos e nos buracos.”

Assim conta Ovídio no seu *Tristia* a triste história, que, como a que segue, sucedeu a anterior.

A tarefa estava claramente além das capacidades dele, mas eu continuo a história como segue:...

Capítulo 23

Ovídio vivia em Tomi, onde fôra lançado pela pela ira do deus Augusto, porque possuía mais gênio que senso comum.

Ali, entre os bárbaros selvagens, languidecia de amor o terno poeta, e o mesmo amor o havia lançado ali. Meditando, apoiava a cabeça em sua mão direita e olhares nostálgicos vagavam longe no Lácio. O coração do poeta estava destroçado e, sem perder a esperança, a sua lira não pôde emudecer e, em doces canções de melodia apaixonada, falou sobre o seu desejo e sobre a sua dor.

Ao redor dos membros delicados do frágil velho soprava o vento do norte, estremecendo-o com calafrios desconhecidos, pois sua juventude havia florescido no cáldido país do sul, e lá sua imaginação havia enfeitado seus quentes e exuberantes divertimentos com trajes preciosos, e lá, onde esses filhos do gênio eram demasiados livres, a Graça os adornou com véus divinos que os ocultava levemente, de forma que as dobras ondevam amplamente e faziam chover gotas mornas de orvalho.

“Logo estarás senil, pobre poeta!” e uma lágrima rolou pela face do ancião quando... se ouviu a potente voz de baixo de Merten que, profundamente comovido, se lançava contra Escorpião.

Capítulo 27

“Ignorância, profunda ignorância”.

“Porque (se refere a um capítulo anterior) os joelhos dele se dobraram muito para um lado!”, mas faltava a certeza, e quem pode assegurar, quem pode descobrir que parte é a direita e qual a esquerda?

Me fale tu, mortal, de onde surge o vento ou se Deus tem nariz, e eu te direi o que é direita e o que é esquerda.

Nada mais que conceitos relativos, beber da sabedoria é como mesclar loucura e frenesi.

Oh! Todo o nosso esforço será em vão e todas nossas aspirações uma ilusão até que aprendamos a distinguir o que é direita e o que é esquerda, porque à esquerda se colocará os bravos e à direita os mansos.

Se isto se inverte, se uma outra direção é tomada, porque de noite se há tido um sonho, então os pecadores estarão à direita e os santos à esquerda, de acordo com essas nossas lamentáveis idéias.

Assim, defina para mim o que é direita e o que é esquerda e todo o enigma da criação estará resolvido, *Acheronte movebo*, então eu deduzirei exatamente onde irá parar a tua alma, e depois deduzirei também em que degrau te encontras, agora que aquela relação original é passível de ser mensurada. Ainda que tua posição tenha sido determinada pelo Senhor, sua situação aqui embaixo pode ser determinada pelo volume de tua cabeça. Sinto vertigem, se um Mephistópheles aparecer terei de ser Fausto, pois está claro que cada um de nós é um Fausto, já que não sabemos que lado é a direita e qual a esquerda, por isso nossa vida é um circo, onde corremos em círculos tentando encontrar lados, até que caímos sobre a arena e o gladiador, que é a própria vida, nos mata. Precisamos de um novo salvador, pois – pensamento tormentoso, me rouba o sono, me rouba a saúde, me matas – não podemos distinguir o lado esquerdo do direito, não conhecemos seus limites.

Capítulo 28

“É claro, na lua estão as pedras lunares, no peito das mulheres está a falsidade, no mar a areia e na terra as montanhas!”, respondeu o homem que batera à minha porta sem esperar que eu o convidasse a entrar.

Rapidamente coloquei à parte meus papéis e lhe disse que estava muito contente por não havê-lo conhecido antes, pois, dessa maneira, tinha o prazer de poder conhecê-lo agora, que ele demonstrava grande sabedoria no ensino, que todas as minhas dúvidas haviam desaparecido com ele, porém, ainda que eu falasse velozmente, ele falava ainda mais rápido, sons sibilantes saíam de entre seus dentes. Todo aquele homem, como pude notar com um calafrio, depois de observá-lo de perto, parecia uma lagartixa, nada mais do que uma lagartixa que houvesse rastejado para fora de algum buraco no

muro.

Ele era de complexão atarracada e sua estatura recordava a do meu fogão. Seus olhos, se pode dizer, eram mais verdes que vermelhos e mais pontos que luzes e ele mesmo era mais um gnomo do que um homem.

Um gênio! Isto eu reconheci imediatamente e com toda a certeza, pois seu nariz saía de sua cabeça como Palas Atená da cabeça de Zeus pai; fato ao qual também atribui seu tênue brilho escarlate, que indicava uma descendência etérea, mesmo porque sua cabeça poderia ser descrita como calva, a menos que se prefira chamar de cobertura a uma espessa crosta de pomada que, junto com vários produtos – poeira e outros - crescia desordenadamente sobre aquela montanha primitiva.

Tudo nele fazia pensar em altura e profundidade, porém a conformação de seu rosto parecia revelar um burocrata, porque sua bochechas eram como pratos de sopa fundos e lisos, e de tal maneira protegidas da chuva por ossos tremendamente salientes, que dentro delas se poderia guardar documentos e decretos governamentais.

Em resumo, tudo nele revelava que teria sido o deus do amor em pessoal, se não fosse semelhante a si mesmo, e que seu nome soava doce como o amor, não fosse recordar demasiado a um arbusto de zimbro.

Pedi que se acalmasse, pois afirmava ser um herói, ao que eu, modestamente, objetei que os heróis [*Herós*] eram um pouco mais robustos, e que os arautos [*Herolds*] tinham voz mais sensível e de tom mais simples e mais harmonioso e, por fim, que Eros [*Hero*] era uma beleza transfigurada, uma natureza realmente bela na qual corpo e alma competem entre si, cada um reivindicando ser a fonte exclusiva daquela perfeição; e que, portanto, seria uma figura inadequada para o caso.

Porém ele protestou, alegando possuir uma poderosa estrutura óssea, de tal forma que ele projetava uma sssombra tão boa e até melhor que a de qualquer um, vissssto que projetava mais sombra que luz, e que, assim, sssua esssposa poderia refrescar-se em sssua sombra, florescer e converter-se por sssua vez em uma sombra, que eu era um homem rude e ao mesmo tempo um gênio de meia tigela e um idiota, que ele sssse chamava Engelbert e que esse nome ssssoava melhor que Esssscorpião, que eu me enganara no Capítulo 19, pois seus olhos azuis são mais belos que os olhos negros, que os olhos de uma pomba [*Taube*] são os mais ricos em esssspiritualidade, e ele messsmo, ainda que não fosse uma pomba, era pelo menos um sssurdo [*Tauber*] em relação à Razão; disse ainda que gostava do direito de primogenitura e que possuía uma lavadora.

“Ela receberá a minha mão direita em noivado e tu abandonarás tuas investigações sobre a direita e a esquerda, pois ela vive em direção diametralmente

oposta, nem à direita nem à esquerda”.

Bateu a porta ao sair, e de minha alma emanou uma aparição divina, a conversação de tons excelsos havia cessado, mas, como a voz de um espírito, pelo buraco da fechadura passou um murmúrio fantasmagórico: “Klingholz!, Klingholz!”.

Capítulo 29

Estava sentado imerso em pensamentos, coloquei Locke, Fichte e Kant de lado e me entreguei às meditações profundas para descobrir que relação pode haver entre uma lavadora e o direito de primogenitura, quando, de repente, me veio um lampejo e, idéia trás idéia, minha visão foi iluminada e uma imagem de luz apareceu diante de meus olhos.

O direito de primogenitura é a lavadora da aristocracia, uma vez que uma lavadora só existe com a finalidade de lavar. Mas, lavando, alveja, e assim empresta um brilho pálido ao que é lavado. Da mesma forma o direito de primogenitura *prateia* o filho primogênito da casa, lhe empresta um brilho prateado, enquanto, nos outros, estampa a pálida cor romântica da miséria.

Quem lava nos rios se lança contra os elementos da natureza, se bate contra sua ira e luta com a força dos braços; porém, quem está sentado à beira de uma lavadora se queda inerte, contemplando os cantos das paredes.

O homem comum, vale dizer, aquele que não desfruta a boaventura do direito de primogenitura, luta com a vida vertiginosa, se lança no mar que aumenta e, com os mesmos direitos que Prometeu, agarra as pérolas nas profundidades; e ante seus olhos se apresenta, de forma maravilhosa, a configuração interna da Idéia e crê com mais coragem; enquanto o senhor primogênito somente deixa cair gotas sobre si, teme deslocar seus membros e, por isso, senta diante de uma lavadora.

Encontre, a pedra filosofal!

Capítulo 30

Como resultado de estudos feitos recentemente, em nossos dias não é possível compor uma epopéia.

Em primeiro lugar, por nos ocuparmos em especulações profundas sobre o tema do lado direito e do lado esquerdo, despojamos as expressões poéticas de seu manto poético (como Apolo retirou a pele de Marsia) e as transformamos na figura da dúvida, como o babuíno, que tem olhos para não ver e é um Argos ao contrário; este tinha cem olhos para achar o que estava perdido, aquele, o obscuro Titã, a Dúvida, possui cem olhos para converter as coisas vistas em coisas não vistas.

Mas o lado, a situação, é um critério essencial da poesia épica e quando não há mais lados, como está demonstrado que sucede conosco, a poesia épica só poderá despertar do sono da morte quando soarem as trombetas de Jericó.

Além do mais, nós descobrimos a pedra filosofal, infelizmente todos apontam a pedra e eles...

Capítulo 31

Eles, Escorpião e Merten, estavam sobre o solo, pois a aparição sobrenatural (se refere a um capítulo anterior) havia agitado de tal maneira seus nervos que a força de coesão de seus membros, no caos de expansão - que, como o embrião não necessita separar-se de sua condição universal para adquirir uma forma precisa -, tinha se desintegrado, de forma que seus narizes ficaram pendurados até o umbigo e suas cabeças chegaram até o chão.

Merten vertia um sangue espesso, que continha muito carbono, quanto não saberia dizer com precisão, porque o estado geral da química ainda está pouco desenvolvido. Especialmente a química orgânica, que, a cada dia, está se tornando mais complexa devido à simplificações, já que, diariamente, se descobrem novas substâncias elementares, que têm em comum com os bispos o fato de que ambos levam nomes de países que pertencem aos que não crêem, e que se encontram *in partibus infidelium*, nomes que, além do mais, são tão grandes como o título dos membros de muitas sociedades científicas e dos príncipes do império alemão, nomes que representam os nomes de livre-pensadores, pois não encaixam em língua nenhuma.

Em geral, a química orgânica é como um herético, buscando explicar a vida através de um processo inanimado. Pecado tão grande contra a vida como pretender fazer com que o amor derive da álgebra.

Tudo isso, evidentemente, se apoia na Teoria do Processo que, contudo, não está elaborada o suficiente nem nunca poderá estar, pois está baseada no jogo de baralho, um jogo de puro azar onde o ás é o personagem principal.

Porem, o ás tem sido a base de toda a recente jurisprudência, porque, numa noite, Imério perdeu o jogo; vinha precisamente de uma reunião de mulheres, ia elegantemente vestido com um fraque azul, sapatos novos com fivelas longas e um colete de seda carmesim, quando se sentou e se pôs a escrever uma dissertação sobre o ás, o que imediatamente o conduziu a ensinar Direito Romano.

O Direito Romano, sem dúvida, abarca tudo, inclusive a doutrina do processo e também a química... pois, como o demonstrou Pacius, foi o microcosmos que se separou do macrocosmos.

Os quatro livros das *Institutas* são os quatro

elementos, os sete livros dos *Pandectas* são os sete planetas, e os doze livros do *Codex* são os doze signos do Zodíaco.

Porém, nenhum espírito havia penetrado o Todo; este mérito foi de Gretha, a cozinheira, que chamou dizendo que a janta estava pronta.

Escorpião e Merten, presos de grande excitação, haviam permanecido com os olhos fechados e por isso confundiram Gretha com uma fada. Quando se recompuseram de seu espanto espanhol – que remonta à última derrota e à vitória de Don Carlos – Merten se arremessou contra Escorpião como uma rosa por sobre um carvalho porque – e aqui dirá Moisés – o homem deve mirar as estrelas e não o chão; enquanto isso, Escorpião agarrou a mão do pai e subjuga-o, colocando-o sob seus pés.

Capítulo 35

“Deus do Céu! O alfaiate Merten é uma boa ajuda, mas ele também carrega nos preços!”.

“*Vere! Beatus Martinus bonus est in auxilio, sed carus in negotio!*”, exclamou Clóvis depois da batalha de Poitiers, quando, em Tours, os padres lhe explicaram que Merten havia costurado sua calças de equitação, com a qual havia cavalgado o valente rocim, que lhe valera a vitória, e lhe pediram 200 florins de ouro por este serviço de Merten.

Mas a verdade toda é que...

Capítulo 35

Estavam sentados à mesa, Merten na cabeceira, Escorpião à sua direita, à sua esquerda Félix, o primeiro oficial, e, mais abaixo na mesa, deixando um certo espaço entre os príncipes e os plebeus, os membros subordinados do corpo policial de Merten, de ordem inferior, usualmente chamados de oficiais.

O vazio, que não deveria ser ocupado por nenhum ser humano, não estava reservado para o espírito de Banco, senão para o cachorro de Merten que todos os dias tinha que pronunciar a oração antes das refeições, pois *Merten*, que havia realizado estudos de humanidades, afirmava que seu Bonifácio – assim se chamava o cachorro – era o próprio São Bonifácio, o apóstolo dos alemães, referindo-se a um fragmento em que este afirmara ser um cão ladrando. Por isso, sentia uma adoração supersticiosa por esse cachorro, cujo assento era muito mais elegante que os demais: uma macia almofada carmesim da mais fina cachemir, alcochoada como um rico sofá, apoiada em detalhes artisticamente cerzidos, com uma franja de borlas sedosas, e, assim que se encerrava a sessão, o assento era conduzido para um canto oculto de uma remota alcova, que parece ser a mesma que foi

descrita por Boileau em sua *Lutrin* como o templo de repouso do prevoste.

Bonifácio não estava em seu assento, formando um vazio, e as faces de Merten perderam a cor, “Onde está Bonifácio?”, gritou, com o coração profundamente angustiado, e toda a mesa ficou visivelmente agitada. “Onde está Bonifácio?”, voltou a perguntar Merten; e como ele começou a temer, como cada parte do seu corpo tremia, como se eriçaram seus cabelos quando ouviu que Bonifácio estava ausente.

Todos se levantaram de pronto para rodeá-lo, ele mesmo parecia privado de sua calma habitual, tocou a sineta, apareceu Gretha, o coração dela pressagiava algum mal, ela pensou...

“Ei, Gretha, onde está Bonifácio?”, e ela se retirou visivelmente tranqüila, os braços de Merten bateram contra a luminária, com o que a escuridão recobriu a todos e sobreveio uma noite cheia de desgraças e precursora de temporais.

Capítulo 37

David Hume afirmava que este capítulo é o *locus communis* do anterior e o afirmava, contudo, antes que eu o houvesse escrito. Sua demonstração era a seguinte: se este capítulo existe, o anterior não existe, pois este expulsou o anterior, do qual nasceu, ainda que não como causa e efeito, coisa de que duvidava. Todo gigante, e, portanto, todo capítulo de vinte linhas deixa atrás de si um anão, todo gênio um filisteu estúpido e toda tempestade um mar de lama, e, apenas desaparecem os primeiros, comparecem os segundos, ocupam um lugar na mesa e se espreguiçam arrogantemente esticando as longas pernas.

Os primeiros são demasiado grandes para este mundo, por isso se vêem expulsos. Pelo contrário, os outros criam raízes e se instalam – como o demonstram os fatos – já que ao sabor da champanhe sucede um gosto amargo e repugnante, ao herói César o ator Octavianus, ao imperador Napoleão o rei burguês Luis Felipe, ao filósofo Kant o cavalheiro-capacho Krug, ao poeta Schiller o conselheiro da corte Raupach, ao excelso Leibniz a escola Wolf, ao cachorro Bonifácio este capítulo.

Assim as bases são precipitadas, enquanto o espírito se evapora.

Capítulo 38

O último parágrafo, sobre as bases, era um conceito abstrato, portanto não era uma mulher, já que um conceito abstrato e uma mulher, como exclama

Adelung, como diferentes eles são! Porém, eu afirmo o contrário e o demonstrarei exaustivamente, mas não neste capítulo, mas em um livro que não terá capítulos, e que tenho a intenção de escrever logo que me encontre convencido da existência da Santíssima Trindade.

Capítulo 39

Se alguém desejar obter uma idéia concreta e não abstrata da mesma – não me refiro à Helena grega nem, tampouco, à Lucrecia romana, e sim à Santíssima Trindade – *não* posso aconselhar nada melhor do que sonhar com o *nada*, o máximo que puder sem cair no sono, mas, pelo contrário, velando Deus e examinando esse parágrafo, pois os conceitos claros são inerentes a ele. Alcemo-nos à sua altura, enquanto voamos acima de nossa presente posição e flutuamos no alto como nuvens, e seremos confrontados pelo gigantesco “*Não*”; se descemos até a sua metade nos espantaremos com o gigantesco “*Nada*”; e, se descemos em suas profundezas, ambos se conciliam harmoniosamente de novo no “*Não*”, que se detém ante nós como uma escrita resplandecente, ereta e audaz.

“*Não*” - “*Nada*” - “*Não*”

este é conceito concreto da Trindade, mas o abstrato, quem poderá descrevê-lo, pois:

“Quem sobe ao céu e volta a descer?”, “Quem segura o vento em suas mãos?”, “Quem armazena a água em sua roupa?”, “Quem há feito surgir todas as terras do mundo?”, “Qual o nome dele e qual é o nome do filho dele, se você sabe?”, disse Salomão, o Sábio.

Capítulo 40

“Não sei onde está, porém o que é certo é que um crânio é um crânio!”, exclamou Merten. Se agachava temeroso para descobrir na escuridão de quem era a cabeça que tocava com sua mão, quando voltou atrás como em terror mortal, pois os olhos...

Capítulo 41

Sim, realmente! Os olhos!

São um imã e atraem o ferro, razão pela qual nos sentimos atraídos pelas mulheres, mas não pelo céu, pois as mulheres nos miram através de dois olhos, enquanto o céu nos mira através de um único olho.

Capítulo 42

“Eu lhe demonstro o contrário”, me disse uma voz invisível, e quando me volvei na direção da voz vi – não acreditarás, mas eu te asseguro, juro que foi assim – vi – mas não precisa ficar bravo, não precisa ter medo, pois não se refere nem à sua mulher nem à sua digestão -, então, me vi a mim mesmo, porque eu mesmo me tinha oferecido como prova do contrário.

O pensamento “Ah, eu sou um duplo eu”, me passou súbito pela mente, e os elixires do diabo de Hoffmann...

Capítulo 43

... se encontravam diante de mim sobre a mesa precisamente quando refletia sobre porque o judeu errante é um berlinês de nascimento e não um espanhol; mas, pelo que vejo, isto coincidia com a refutação que deveria comprovar, por nós, pelo amor à precisão... não queremos nada, senão contentarmos com a observação de que o céu se encontra nos olhos das mulheres e de que os olhos das mulheres não se encontram no céu; do que se deduz que não nos atraem tanto os olhos mas, melhor, o céu, pois não vemos nos olhos senão o céu que há neles. Se nos atraíssem os olhos e não o céu, nos sentiríamos atraídos pelo céu e não pelas mulheres, pois o céu não tem um olho, como já afirmamos acima, não tem nem sequer um, mas ele mesmo não é outra coisa que um infinito olhar de amor da divindade, o olho doce e melodioso do espírito da luz, e um olho não pode ter um olho.

Portanto, o resultado final de nossa investigação é que nos sentimos atraídos pelas mulheres e não pelo céu, porque neste não vemos os olhos das mulheres, enquanto que, naqueles, sim, vemos o céu; que, por conseguinte, nos sentimos, por assim dizer, atraídos pelos olhos porque não são olhos, e porque Aasverus, o errante, é um berlinês nato, pois é velho e doente e viu muitas terras e olhos, contudo ele não se sentiu atraído pelo céu, mas sim pelas mulheres, e só existem dois magmas: um céu sem olhos e um olho sem céu.

Um desses se encontra por cima de nós e nos puxa para o alto, o outro se encontra abaixo de nós e nos empurra para as profundezas. E Aasverus se vê fortemente atraído para baixo, senão não estaria a errar eternamente pela terra. Erraria eternamente pela terra se não houvesse nascido em Berlim e não estivesse acostumado às areias?

Capítulo 44

Segundo fragmento encontrado na carteira de Halte

Chegamos a uma casa de campo, era uma noite bela e azulada. Você caminhava com o braço enlaçado ao meu e querias soltar-se, mas eu não deixava, minha mão te reteve como você já havia retido o meu coração, e você permitiu.

Murmurei palavras plenas de nostalgia e disse as coisas as mais sublimes e as mais belas que um mortal pode dizer, pois não disse nada; estava fechado em mim mesmo; vi elevar-se um reino cuja atmosfera muito leve e, ao mesmo tempo, muito pesada - e nela havia uma imagem divina, a beleza mesma, como uma vez a havia entrevisto em sonhos profundos e fantásticos, sem reconhecê-la - brilhava com o calor espiritual; você era a imagem e sorriu.

Eu me maravilhei de mim mesmo porque, graças ao meu amor, havia conseguido ser grande, gigantesco; via um mar ilimitado, porém nele não se agitavam ondas, havia adquirido profundidade e eternidade, sua superfície era cristalina e em seu escuro abismo tremiam fixas estrelas douradas, que cantavam canções de amor e desprendiam um intenso calor, e o próprio mar estava quente.

Se apenas este caminho tivesse sido a vida!

Beijei sua doce e suave mão, falei de amor e de você. Uma ligeira névoa flutuava sobre nossas cabeças, seu coração se quebrou e derrubou uma grande lágrima que caiu entre nós; olhamos a lágrima e ficamos em silêncio...

Capítulo 47

“Ou é Bonifácio ou é um par de calças compridas!”, chorava Merten. “Luz, quero luz!” e a luz se fez. “Deus do céu, não é um par de calças compridas, mas Bonifácio aqui esticado em um canto escuro e seus olhos brilham com um fogo profundo, mas – o que estou vendo? – Está sangrando!” e desmaiou sem dizer mais nada. Os oficiais olharam primeiro para o cachorro, depois para o senhor. Finalmente, este se levantou violentamente do solo. “Que estão a olhar, asnos? Não vêem que São Bonifácio está ferido? Vou iniciar uma severa investigação e ai, três vezes ai, do culpado; mas, agora, rápido, levem-no para o assento dele, chamem o doutor, tragam-lhe vinagre e água morna, e não esqueçam de chamar o professor Vitus! A palavra dele tem muito poder sobre Bonifácio!”. Assim, velozmente, se sucediam as ordens. De porta afora corriam em todas as direções; Merten observou Bonifácio com mais atenção; os olhos do cachorro continuavam abertos mas com pouco brilho; e sacudiu a cabeça do cão muitas vezes.

“Uma grande desgraça está se aproximando de nós, uma grande desgraça! Chamem um padre!”

Capítulo 48

Nenhum dos ajudantes havia retornado e Merten, tremendo, pulou de desespero.

“Pobre Bonifácio! Mas, espera!, o que poderia ocorrer se, enquanto isso, eu mesmo me atravessasse a curá-lo? Está fatigado, sangra muito pela boca, não quer comer, vejo convulsões violentas em sua barriga, estás fazendo muito esforço, eu te entendo, Bonifácio, eu te entendo”, então Gretha entrou com vinagre e água morna.

“Gretha! Quantos dias faz que Bonifácio não evacua? Não te havia ordenado que o lavasses pelo menos uma vez por semana?, pelo que vejo de agora em diante vou ter que ocupar-me eu mesmo de assuntos dessa importância! Traz óleo, sal, farinha de trigo, mel e um clister!”.

“Pobre Bonifácio! Você está constipado com seus pensamentos santos e reflexões, desde que você já não pode se aliviar em palavras e escritos!

“Oh, admirável vítima da profundidade de idéias, oh santa obstrução!”.

NOTA:

1. Nota do tradutor: Este parágrafo, assim como o anterior, está baseado em jogo de palavras, porque *Eh*, em alemão, também significa matrimônio, sendo uma contração de *E'hestand*. Do mesmo modo, a alusão aos casamentos pródigos da família Merten encontram ressonância no advérbio *e'hestens*, que significa “o quanto antes”, “o mais breve possível”.